

Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

06 a 13 de maio de 2022 | www.abbc.org.br



Aumento compensado em 2023

Na série com os ajustes sazonais, no 1T22, o comércio restrito encerrou com alta de 1,9% e de 2,3% no ampliado. Beneficiada por fatores como os ganhos de termos de troca, a diminuição das restrições sociais, os programas de transferência de renda e a melhora gradual no mercado de trabalho, a boa performance da atividade elevou a projeção do crescimento em 2022 para a ordem de 1,0%. Porém, a persistência inflacionária obrigando que a taxa de juros permaneça por um período mais prolongado em terreno contracionista vem reduzindo as estimativas do PIB para o próximo ano (0,5%). Mesmo diante do tamanho do ciclo do aperto monetário, não se observa ainda melhora na dinâmica inflacionária, agravada pela depreciação do real, elevação das *commodities* e da inflação global. Em abril, o IPCA registrou avanço de 12,13% a.a., ratificando os desafios da autoridade monetária e sobretudo a preocupação com o impacto da inflação corrente na ancoragem das expectativas de longo prazo, de modo que a inflação implícita no mercado de títulos para 2 anos permaneceu em 7,18%. A mensagem de Jerome Powell, reduzindo as chances de um ritmo mais acelerado de elevação da taxa básica de juros, propiciou uma queda nos rendimentos dos *Treasuries* nos EUA. Contudo, houve recuperação com a preocupação com a inflação, de modo que após alcançar 2,84% a.a. em 12/05, o retorno das *T-Notes* de 10 anos encerrou a semana em 2,93% a.a.. Ao longo da semana, a cotação do dólar variou conforme a perspectiva de um aperto monetário mais agressivo por parte do Federal Reserve. Ao contrário das principais moedas, o real apreciou 0,39% na semana, com dólar cotado a R\$ 5,06. Apesar da queda de -0,19 p.p. dessa rentabilidade em relação à semana anterior, houve elevação de 0,13 p.p. da taxa de juros do *swap* DI prefixado de 360 dias, fechando em 13,49% a.a.. Para a semana serão destaques a divulgação do IGP-10, a reunião mensal do CMN, monitor do PIB e dados de atividade na China e EUA e inflação na Zona do Euro.

Expectativas

Inflação Implícita Em 12 meses

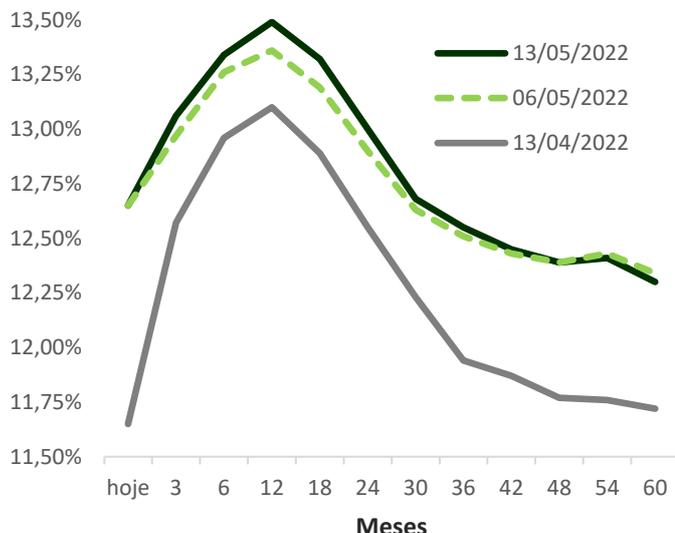


Fonte: Anbima. Elaboração ABBC

Segundo o levantamento do Projeções Broadcast para o PIB, SELIC, IPCA e Dólar, divulgado em 13/05, a mediana das estimativas para o crescimento do PIB avançou em +0,30 p.p., ante a divulgação de 06/05, alcançando 1,0% para 2022. Entretanto, contemplando os efeitos defasados da política monetária mais restritiva no cenário doméstico e global, as projeções de crescimento do PIB para 2023 reduziram-se de 1,0% para 0,5%, enquanto para 2024 diminuiu em -0,20 p.p. para 1,80%. Considerando-se ainda as pressões mais persistentes sobre os índices de preços ao consumidor, em especial das *commodities* agrícolas e energéticas, a mediana das estimativas de mercado para o IPCA de 2022 avançou expressivos +0,40 p.p. da última divulgação para 8,40%. Para 2023, horizonte relevante para a política monetária, a inflação esperada aumentou +0,20 p.p. para 4,30%, aproximando-se do teto de 4,75%. Para 2024, o número permaneceu estável em 3,00%. O IPCA de abril ratificou os desafios da autoridade monetária e a preocupação com o impacto da inflação corrente na ancoragem das expectativas de longo prazo. A inflação implícita no prazo de 1 ano subiu +0,15 p.p., entre as divulgações, para 8,00% e em +0,07 p.p. para 7,18% para o prazo de 2 anos. As projeções de mercado para a Selic permaneceram em 13,25% ao final de 2022. Com o recrudescimento das estimativas para a inflação no horizonte considerado relevante para a política monetária e a provável extensão do ciclo de aperto monetário, avançaram em 0,50 p.p. para os termos de 2023 e 2024 para 9,50% e 7,50%, respectivamente. Por último, a mediana para a taxa de câmbio era de R\$/US\$/5,10 no final de 2022, 2023 e 2024.

Taxa de Juros

Estrutura a Termo das Taxas de Juros (% a.a.)



Apesar do alívio no rendimento das T-Notes provocado pela mensagem de Jerome Powell reduzindo as chances de um ritmo mais acelerado de elevação da taxa básica de juros, houve elevação nos prêmios nas partes curta e intermediária da Estrutura a Termo da Taxa de Juros, fundamentalmente por causa da percepção de que domesticamente o ciclo de aperto monetário deverá se estender mais do que se esperava.

Assim, a taxa de juros do *swap* DI prefixado de 360 dias subiu 0,13 p.p. fechando em 13,49% a.a. no dia 13/05. As taxas dos vértices de 24 e 36 meses subiram, respectivamente, 0,10 p.p. e 0,04 p.p. para 13,00% a.a. e 12,55% a.a.. Enquanto para os prazos mais longos, como o de 54 e 60 meses, pesaram a queda dos preços das *commodities* e a apreciação cambial do período, o que levou ao recuo de -0,02 p.p. e -0,04 p.p., na semana, para 12,41% a.a. e 12,3% a.a., na ordem.

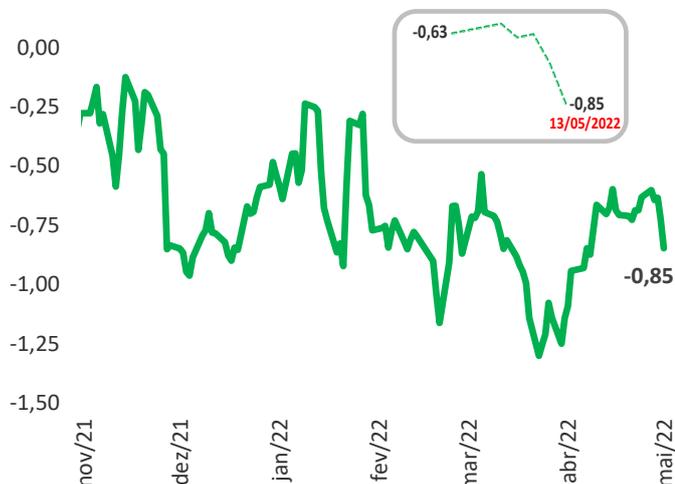
Por fim, uma outra medida de risco calculada pelo *spread* da taxa de juros de 1 e 10 anos mostrou queda de -0,22 p.p. para -0,85 p.p. no fechamento do dia 13/05.

Swap DI – Pré 360 dias (% a.a.)



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



Fonte: B3. Elaboração ABBC

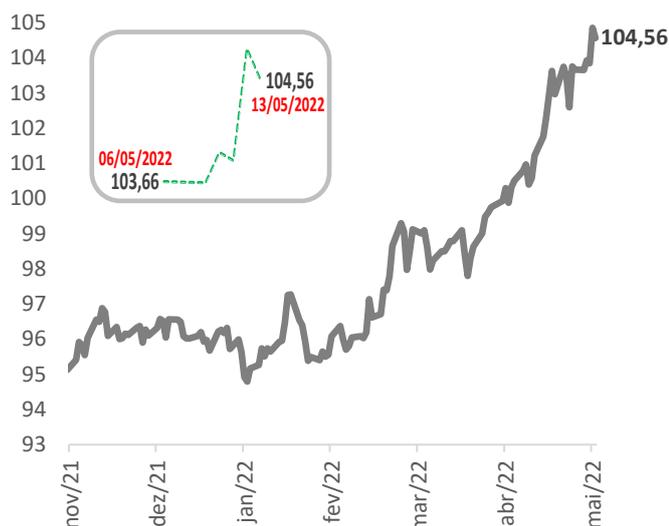
Câmbio

Real/US\$



O dólar manteve a sua trajetória de apreciação no mercado internacional. O *Dollar Index*, que mede a sua variação frente às divisas dos países desenvolvidos, subiu 0,87% na semana, com destaques para as depreciações de 1,33% no euro e de 0,70% na libra esterlina. Em linha, o índice que mede o desempenho das moedas de países emergentes em relação ao dólar recuou -0,56% no período, refletindo as depreciações de 3,54% na lira turca, de 1,84% no renminbi e de 0,96% no peso argentino, destoando houve ligeira apreciação de 0,10% no peso mexicano.

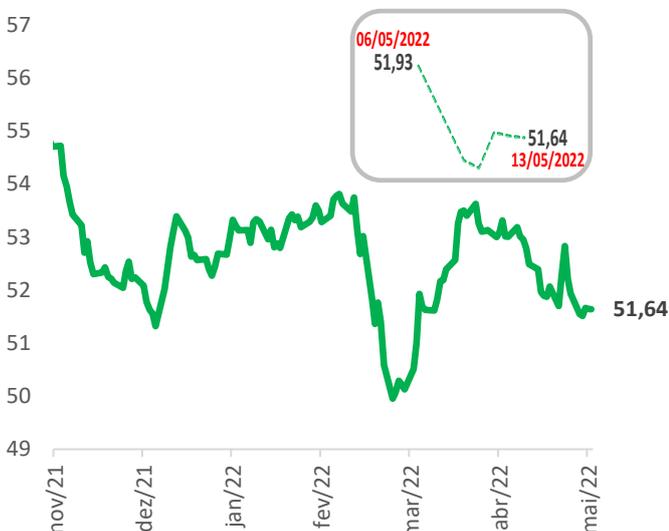
Dollar Index



Em sentido oposto, o real apreciou 0,39% na semana, com o dólar encerrando cotado a R\$ 5,06, após alcançar R\$ 5,16 no segunda (09/05). Pode ter pesado no melhor desempenho do real, a surpresa com a divulgação do IPCA de abril acima das expectativas, que reforçaria a hipótese de que o processo de aperto monetário por parte do Banco Central deva perdurar por um bom período. Com isso, na semana, o BC atuou no mercado cambial somente com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/07/2022.

Ao longo da semana a cotação do dólar variou conforme a perspectiva de um aperto monetário mais agressivo por parte do Federal Reserve, que foi sustentada pelos dados da inflação em abril (CPI) nos EUA acima dos esperados. Apesar disso, manifestação do presidente do Fed, Jerome Powell, praticamente descartando uma elevação superior a 0,50 p.p., propiciou um alívio ao final da semana.

Índice de Emergentes*



*Cesta de Moedas:

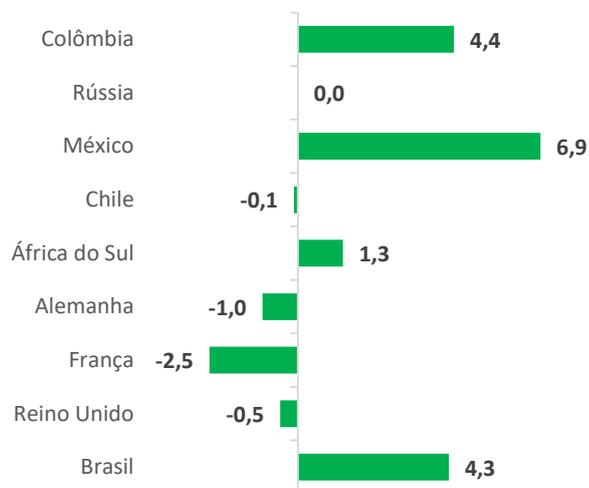
Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

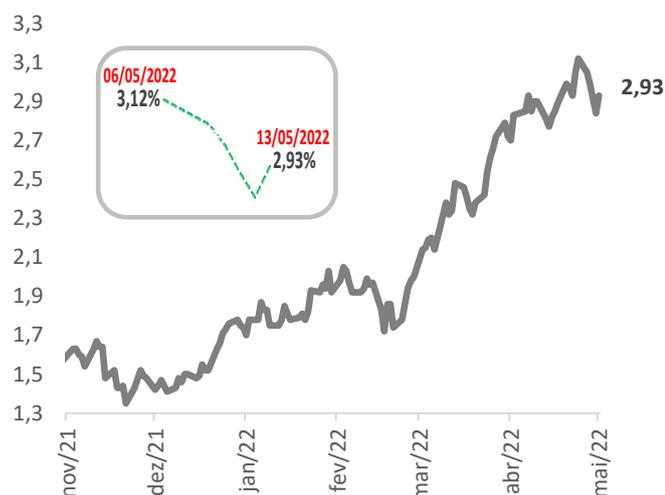
Aversão ao Risco

Credit Default Swap (CDS)

Variação na semana

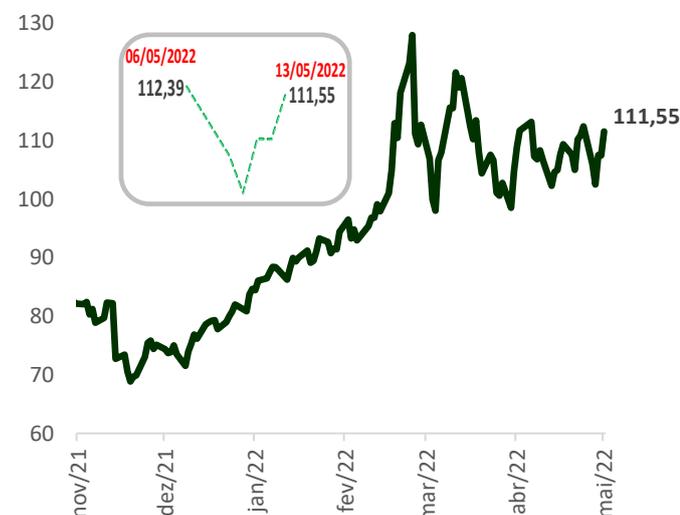


T-Note 10 anos (% a.a.)



Petróleo

Brent última cotação US\$



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

A aversão ao risco segue elevada, em meio ao aperto monetário nos principais Bancos Centrais e com dados da inflação nos EUA em abril acima dos esperados, alimentando a perspectiva de uma elevação mais intensa da taxa básica de juros e aumento da probabilidade de uma recessão. Contribuiu, ainda, a possibilidade de novas sanções à Rússia, principalmente quanto ao embargo no fornecimento de gás e petróleo. Da mesma forma, a evolução do combate à Covid-19 na China, também poderá comprometer o crescimento da economia mundial.

Assim, na semana, as medidas de risco soberano, calculadas nas cotações dos CDS de 5 anos, apresentaram pior desempenho para os países emergentes, com altas de 6,9 bps. para o México (150,8 bps.), de 4,4 bps. para a Colômbia (260,6 bps.) e de 4,3 bps. para o Brasil (241,1 bps.).

A mensagem de Jerome Powell, reduzindo as chances de um ritmo mais acelerado de elevação da taxa básica de juros, propiciou uma queda nos rendimentos dos *Treasuries* nos EUA. Contudo, houve recuperação com a preocupação com a persistência inflacionária, de modo que após alcançar 2,84% a.a. em 12/05, o retorno das T-Notes de 10 anos encerrou em 2,93% a.a., acumulando retração de -0,19 p.p. na semana.

Por fim, a cotação do barril de petróleo tipo Brent encerrou em US\$ 111,55, se recuperando da queda do início da semana, quando alcançou US\$ 102,46 na terça (10/05). Apesar disso, a cotação acumulou contração de -0,75% no período, após revisões nas projeções da Opep e da Agência Internacional de Energia, permanecendo a preocupação quanto ao equilíbrio entre a oferta e demanda da *commodity*.

Ata Copom – Mai/22

Cenário Básico
Projeções de Inflação do Copom

	2022	2023	2022	2023
	Cenário Básico Câmbio (*) e Juros (Boletim Focus)		Cenário Focus Câmbio e Juros (Boletim Focus)	
Câmbio R\$/US\$	R\$ 4,95	R\$ 4,95	R\$ 5,00	R\$ 5,04
Selic %	13,25%	9,25%	13,25%	9,25%
Inflação - Cenário alternativo**	7,30%	3,40%	7,90%	4,10%
Preços Administrados	6,40%	5,70%	7,31%	4,60%

* Ajuste pela paridade do poder de compra (PPC)

** Considerado de maior probabilidade, adota-se a premissa na qual o preço do petróleo segue aproximadamente a curva futura de mercado até o fim de 2022, terminando o ano em USD100/barril e passando a aumentar 2% ao ano a partir de janeiro de 2023

Fonte: BCB. Elaboração ABBC

O documento assinalou a deterioração do cenário externo, com as pressões inflacionárias da recuperação da economia global exacerbadas pelo aumento dos preços das *commodities* e mais recentemente pelos efeitos nos gargalos de oferta provocados pelo conflito no Leste Europeu e pela nova onda de Covid-19 na China. Para o Comitê, esses processos terão consequências de longo prazo, prolongando os impactos na produção global de bens. Como consequência, há uma reação na política monetária internacional, ainda que em grande parte as taxas de juros permaneçam em campo expansionista. Assinalou, ainda, que essa reprecificação tem impacto nas condições financeiras dos países emergentes e os crescentes riscos de uma desaceleração global.

Do lado da atividade doméstica, a atividade econômica mostra um crescimento em linha com o que era esperado, com a recuperação do mercado de trabalho e dos indicadores do comércio e indústria. As leituras de inflação têm surpreendido negativamente, tanto nos componentes mais voláteis como nos mais associados à inflação subjacente, encontrando-se acima do intervalo compatível com a meta para a inflação. Houve, ainda, alguma ênfase no fato de que a inflação corrente alta esteja contaminando as expectativas de prazo mais longo acima do que se esperava.

As expectativas de inflação para 2022 e 2023 pela pesquisa Focus eram de 7,9% e 4,1%, respectivamente. Em seu cenário de referência, com a taxa de câmbio em US\$ 4,95, evoluindo pela PPC, e trajetória de juros que se eleva para 13,25% a.a. no encerramento de 2022, reduzindo-se para 9,25% a.a. ao final de 2023, e mantendo-se a premissa de que o preço do petróleo segue aproximadamente a curva futura de mercado até o fim de 2022, terminando o ano

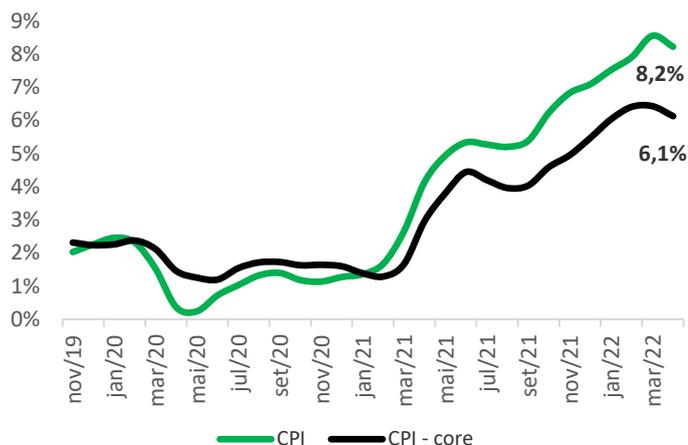
em US\$100/barril – e passando a aumentar 2% ao ano a partir de jan/23 - as projeções de inflação do Banco Central situavam-se em torno de 7,3% para 2022 e em 3,4% para 2023.

A ata reforçou ainda que incertezas relacionadas ao futuro do arcabouço fiscal, que já estão observadas em alguma medida, resultam na elevação dos prêmios de risco e ampliam o risco de desancoragem das expectativas de inflação, assim como na desvalorização do preço dos ativos locais. Desta forma, o esmorecimento no empenho por reformas estruturais, bem como alterações de caráter permanente no processo de ajuste das contas públicas, poderá elevar a taxa de juros neutra da economia.

O balanço de risco para a inflação mais simétrico, o ciclo de aperto monetário corrente em estágio já bastante avançado e a elevada incerteza da atual conjuntura doméstica e internacional demandam cautela na condução da política monetária que deverá ser ajustada a fim de assegurar a convergência da inflação para a meta e dependerá da evolução da atividade econômica, e das projeções e expectativas de inflação para o horizonte relevante da política monetária.

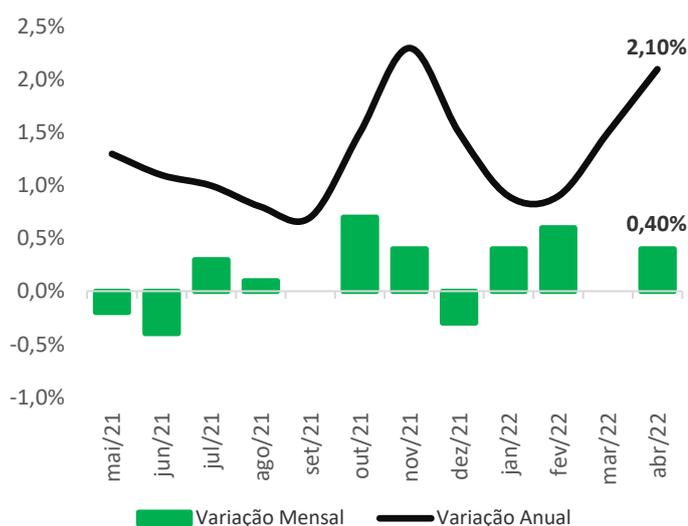
Atividade Global – Abr/22

EUA – Inflação ao Consumidor (CPI) - (% a.a.)

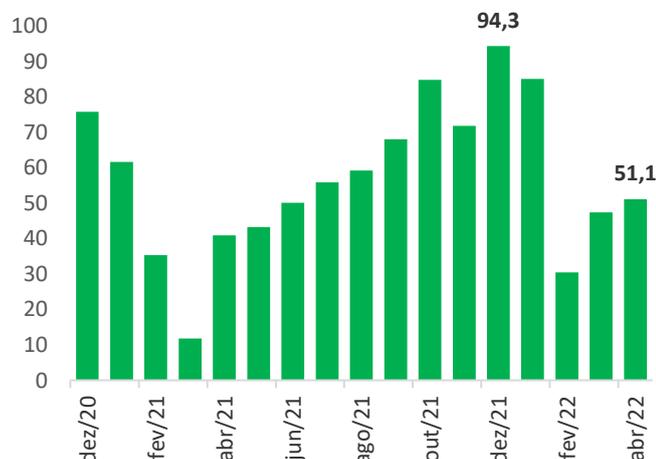


Fonte: US Department of Labor. Elaboração ABBC

China – Inflação ao Consumidor (CPI)



China – Balança Comercial Mensal Saldo – US\$ Bilhões



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Após 7 meses em alta, a inflação anual nos EUA dos preços ao consumidor desacelerou. Superando ligeiramente as expectativas, o índice de preços ao consumidor (CPI) subiu 0,3% na margem em abril, alcançando 8,2% a.a. (ante 8,6% a.a., pico histórico, registrado em mar/22). Na análise da medida de núcleo do CPI, que exclui os voláteis preços de alimentos e energia, a

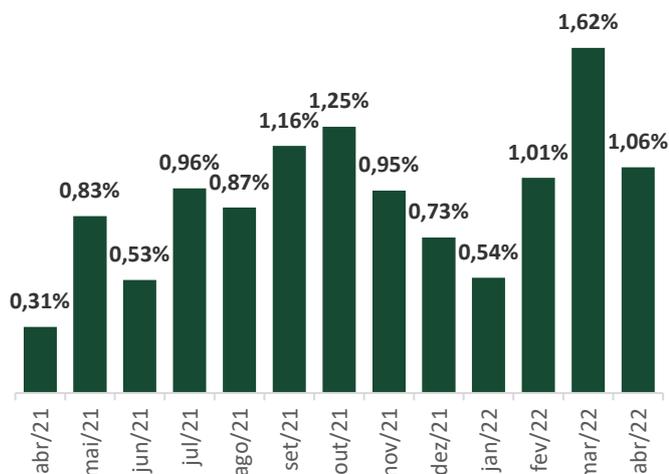
alta mensal foi de 0,6%, encerrando em 6,1% a.a. (6,4% a.a. em mar/22). As pressões de demanda e oferta permanecem, de modo que o ajuste da política monetária com a alta da taxa de juros básica e redução do balanço do Federal Reserve ainda está se iniciando, sem impacto na contenção dos preços.

Diante da inflação global de alimentos e dos lockdowns implementados pelo governo, os indicadores de inflação na China subiram acima das expectativas de mercado. O CPI chinês cresceu 0,4% na margem em abril, contra a estabilidade demonstrada em mar/22, acelerando a inflação de 1,5% a.a. em mar/22 para 2,1% a.a.. Ainda como reflexo da imposição de medidas rigorosas de controle do coronavírus que prejudicaram a indústria e as cadeias de fornecimento doméstico, o setor de varejo recuou -11,1% no mês (-3,5% em mar/22), enquanto a indústria caiu -2,9% (+5,0% em mar/22). Os números vieram bem piores que o esperado pelo consenso (-6,6% e +0,5%, respectivamente). As exportações arrefeceram em abril e tiveram queda de -0,9% no mês (3,9% a.a., contra 14,7% a.a. do mês anterior). As importações reduziram-se em -2,7% na margem e se estabilizaram em relação ao mesmo período do ano passado. Assim, com a queda mais acentuada das importações, o saldo da balança comercial fechou com superávit de US\$ 51,1 bilhões, ante os US\$ 47,38 bilhões registrados em mar/22.

Na Zona do Euro, de acordo com dados divulgados pela Eurostat, a produção industrial cedeu -1,8%, queda menor que a esperada pelo mercado (-2,0%), na série ajustada sazonalmente. Na comparação anual, a produção industrial do bloco recuou -0,8% em março. Vale destacar que os números de fev/22 foram revisados para alta de 0,5% a.m. e de 1,7% a.a.. A produção de bens de capital teve a maior perda na comparação mensal (-2,7%), seguida pela produção de bens de consumo não duráveis (-2,3%). Já os bens de consumo duráveis subiram 0,8%. Na comparação anual, a produção de energia recuou -4,0% em mar/22 e a de bens de capital caiu -2,7%, enquanto a produção de bens de consumo duráveis aumentou em 6,6% e a de bens não duráveis acelerou 2,8%.

IPCA – Abr/22

Variação Mensal



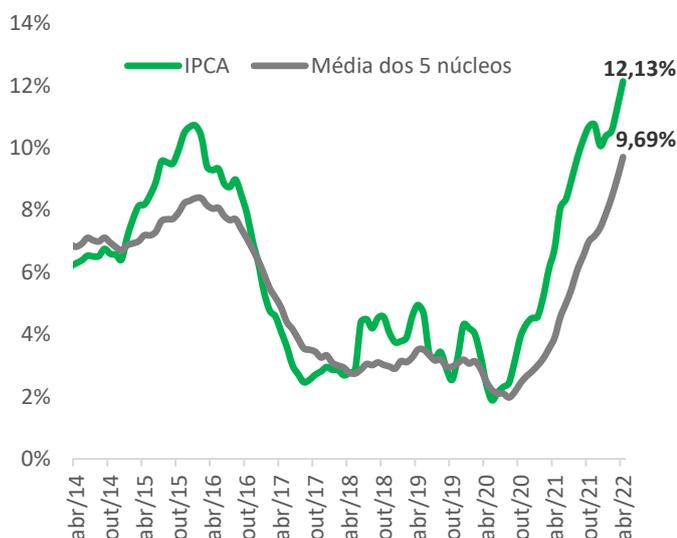
Um pouco acima das expectativas (1,0%), o IPCA avançou 1,06% em abril, após uma alta de 1,62% observada um mês antes. A decomposição do indicador sinaliza a gravidade do cenário com a disseminação da pressão por todos os setores. Com o maior resultado para o mês desde abr/96, o IPCA já acumulou alta de 4,29% no ano e de 12,13% em 12 meses (11,30% a.a. em mar/22). Mesmo diante do tamanho do ciclo do aperto monetário, não se observa melhora na dinâmica inflacionária, agravada por vetores externos como a depreciação do real, elevação das *commodities* e da inflação global.

Índice de Difusão Média Móvel de 12 meses



Ainda que de forma mais contida, os preços dos alimentos e dos combustíveis seguiram pressionando o indicador. Com acréscimo de 2,06% no mês (2,42% em mar/22), o grupo Alimentação e Bebidas representou 0,43 p.p. na variação do índice total, impulsionado, principalmente, pelos alimentos para consumo no domicílio (2,59%). Transportes avançou 1,91% em abril (0,42 p.p. de impacto), após alta de 3,02% em mar/22, alavancado pelo aumento de 3,20% dos combustíveis. Na sua abertura, o item gasolina variou 2,48%, com impacto de 0,17 p.p. no mês, etanol (8,44%), óleo diesel (4,74%) e gás veicular (0,24%) também subiram no período. Juntos, os dois grupos contribuíram com cerca de 80% do IPCA de abril.

Evolução Anual



Houve ainda aceleração do grupo Saúde e Cuidados Pessoais, de 0,88% para 1,77% em abril, impactado pelo reajuste de até 10,89% nos preços dos medicamentos a partir de 1º de abril. Por outro lado, o grupo Habitação foi o único a ceder no mês, -1,14% ante 1,15% anteriormente, devido à queda nos preços da energia elétrica (-6,27%) com o retorno da bandeira tarifária verde a partir de 16 de abril.

Adicionalmente, nota-se pressões nos itens associados à inflação subjacente, com as diversas medidas distanciando-se cada vez mais das metas, a saber: 15,08% a.a. em alimentação, 12,16% a.a. em bens industriais e 7,74% a.a. em serviços. A disseminação da inércia inflacionária é representada no alto índice de difusão, em 78,25%, o maior desde jan/2003

Por fim, a seriedade do cenário evidencia-se ainda nas medidas de núcleos, de forma que em abr/22, a média dos núcleos acompanhados pelo Banco Central cresceu de 9,01% a.a. em mar/22 para 9,69% a.a..

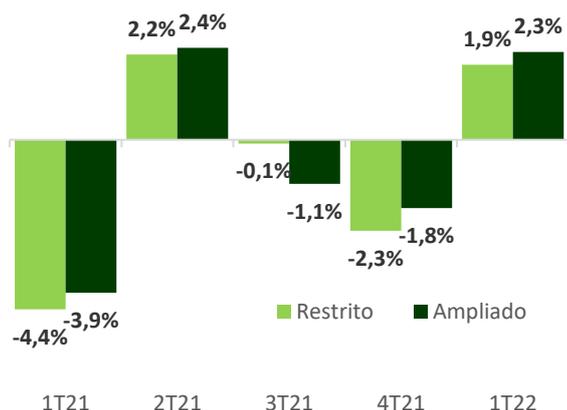
Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

PMC - Mar/22

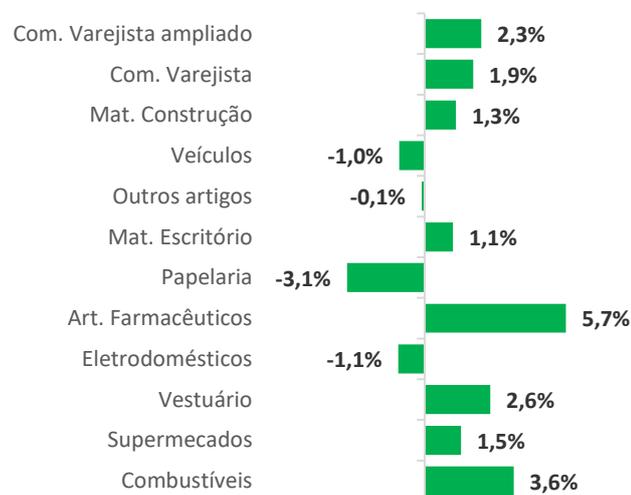
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação Trimestral Com ajuste sazonal



Variação Trimestral Por segmento – com ajuste sazonal



Pelo 3º mês consecutivo, o volume de vendas do comércio apresentou alta mensal, tanto para o varejo restrito como para o ampliado. O resultado veio acima das medianas das projeções de mercado, de modo que o varejo restrito encerrou março com elevação de 1,0% ante 1,3% em fev/22 e o ampliado fechou com alta de 0,7% contra 2,1% em fev/22, nas séries com ajustes sazonais. Houve uma revisão positiva dos números de 0,2% para 0,4% em jan/22) e de 2,0% para 2,1% em fev/22). Após 2 trimestres com retração, o 1T22 apresentou elevação nas 2 abordagens. O comércio restrito encerrou o trimestre com alta de 1,9%, na série ajustada, após contração de -2,3% no 4T21. Na mesma direção, o ampliado acumulou crescimento de 2,3% no trimestre, após redução de -1,8% no 4T21.

Na abertura por segmento, na mesma base de comparação, o crescimento do trimestre foi alavancado pelos desempenhos de artigos farmacêuticos (5,7%), combustíveis (3,6%) e vestuário (2,6%). Por outro lado, houve retrações no período de -3,1% em papelaria, de -1,1% em eletrodomésticos e de -1,0% em veículos.

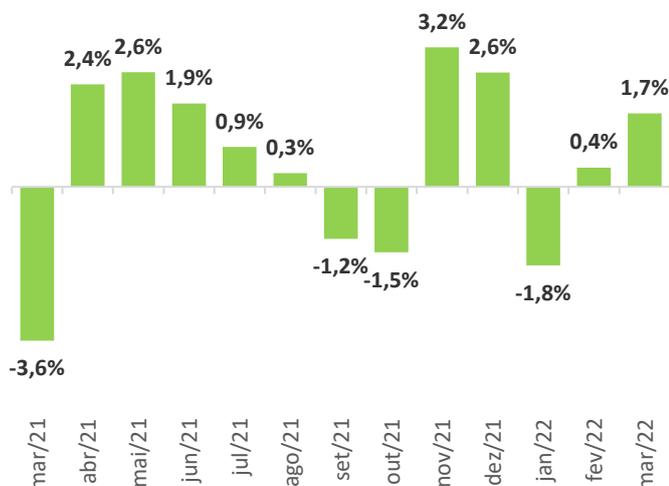
O bom comportamento do trimestre, acima do aguardado, baseou-se na baixa base de comparação do 4T21, além da estabilidade no desemprego, com o componente da formalidade e diminuição da informalidade, e o crescimento de 1,5% no rendimento médio no trimestre. A evolução anual do volume de vendas do varejo restrito acumulado em 12 meses acelerou de 1,7% a.a. em fev/22 para 1,9% em março. Já o do varejo ampliado voltou a desacelerar o ritmo de crescimento, saindo de 4,8% a.a. em fev/22 para 4,4% a.a. em março (-1,1% mar/21).

Apesar de se encontrarem acima do volume verificado em fev/20 (+2,6% para o restrito e +1,7% para o ampliado), a recuperação é bem heterogênea com apenas 4 setores apresentando variações positivas. Para o 2T22, os analistas apontam ainda como elementos favoráveis os saques do FGTS, a antecipação e até a redução dos estoques das famílias acumulados durante a pandemia. Entretanto, a inflação persistentemente em nível elevado e o aperto da política monetária deve em algum momento comprometer o desempenho do setor.

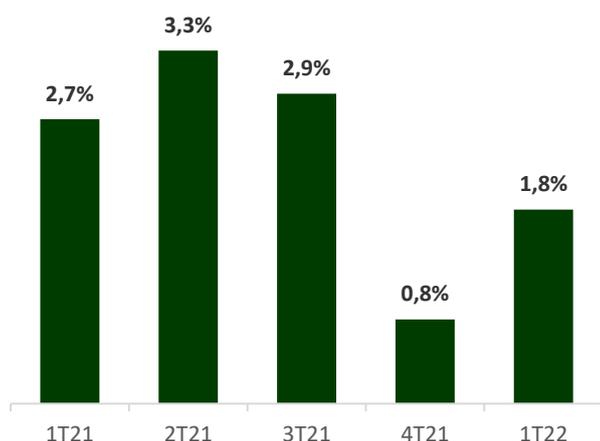
Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

PMS - Mar/22

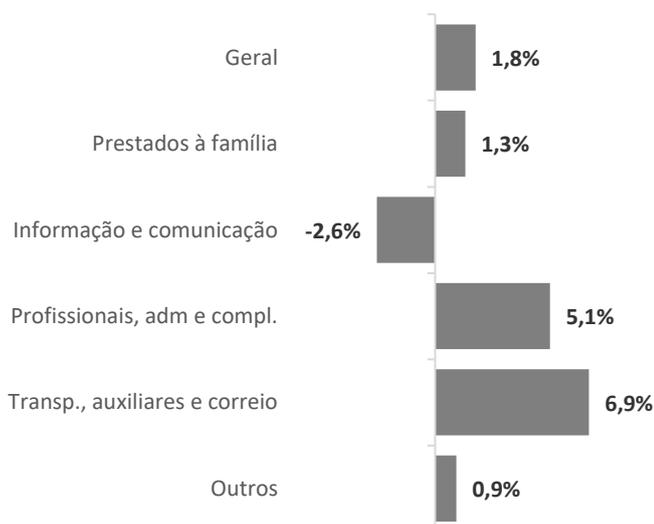
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação Trimestral Com ajuste sazonal



Variação Trimestral Por segmento – com ajuste sazonal



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Como o comércio, o setor de serviços em março apresentou bom desempenho. No mês, o volume de serviços cresceu 1,7% após avançar 0,4% em fev/22, na série com ajuste sazonal. Assim como no varejo, também houve revisão para cima no dado de fevereiro, que passou de queda de -0,2% para alta de 0,4%. No mês, todos os 5 grupos apresentaram elevações, com destaque para as performances do segmento de transporte, auxiliares ao transporte e correio (2,7%) e do de serviços prestados a famílias (2,4%).

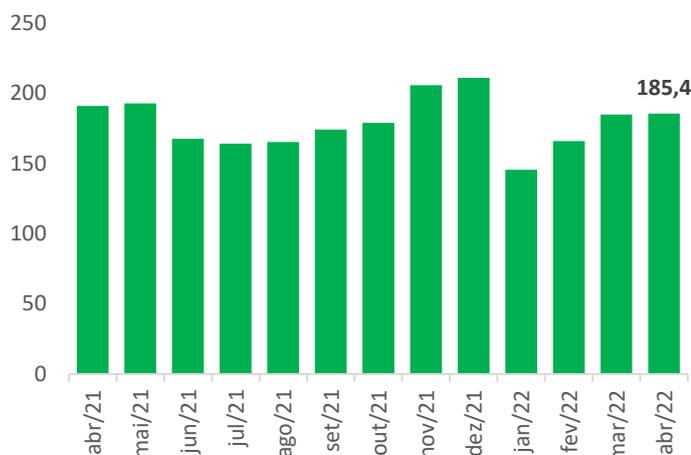
Considerando-se a evolução no trimestre, da série com ajuste sazonal, o volume de serviços encerrou com alta de 1,8% no 1T22 após a elevação de 0,8% no 4T21. Para o 2T22, há um carregamento estatístico positivo de 1,3%. No trimestre, dos 5 grupos, apenas o de informação e comunicação registrou queda (-2,6%), com crescimento de 6,9% para transporte, auxiliares e correios, beneficiado pelo desempenho do comércio eletrônico e do agronegócio, e de 5,1% para profissionais administrativos e complementares. A alta no trimestre de 1,3% nos serviços prestados à família beneficiou-se do quadro mais favorável no mercado de trabalho.

A expansão anual do volume de serviços acumulados em 12 meses segue em aceleração, encerrando março em 13,6% a.a. ante 13,0% no mês anterior e retração de -8,0% em mar/21. Contudo, esta recuperação não foi alcançada pelos serviços prestados às famílias que se encontram -12,0% abaixo do volume verificado no início da pandemia em fev/20.

Levando-se em conta, a aceleração no ritmo de crescimento para o setor de serviços e o carregamento estatístico favorável para o 2T22, ocorrem revisões positivas no desempenho do PIB em 2022. Embora, as incertezas que remanescem poderão comprometer o 2º semestre.

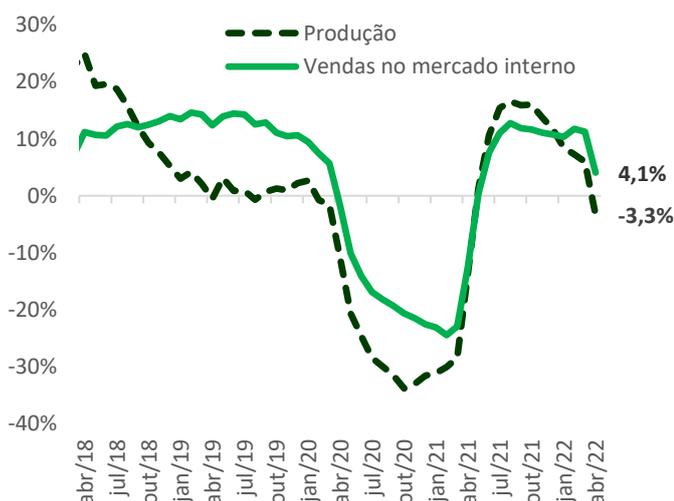
Anfavea -Abr/22

Produção Mensal Em mil unidades



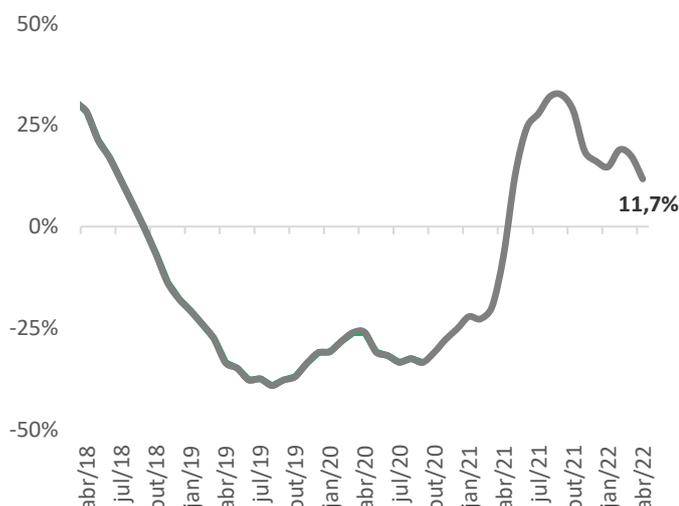
O ritmo da produção de veículos no país prossegue refletindo os problemas nas cadeias de fornecimento, com a persistente escassez na oferta de componentes, sobretudo semicondutores. De acordo com a Anfavea, em abril, foram produzidos 185,4 mil veículos, comerciais leves, caminhões e ônibus, uma leve alta de 0,4% na margem, mas com retração de -2,9% em relação a abr/21. No acumulado do ano, foram fabricados 681,6 mil veículos, o que significou queda de -13,6% no comparativo com o mesmo período de 2021. No acumulado de 12 meses, a produção inverteu tendência de alta, saindo de 6,0% a.a. em mar/22 para -3,3% a.a..

Evolução Anual Acumulado em 12 meses



Como reflexo dos sucessivos aumentos de preços e da escalada dos juros nos financiamentos, as vendas no mercado interno seguiram abaixo da oferta limitada de veículos, mesmo após o corte no Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). No mês, as vendas cresceram 0,3% para 147,2 mil unidades, mas recuaram -15,9% ante abr/21. No acumulado do ano totalizaram 552,9 milhões (-21,4% ante igual período de 2021), queda de -8,3% a.a. no acumulado em 12 meses (-16,2% em abr/21).

Exportações Variação anual - acumulado em 12 meses

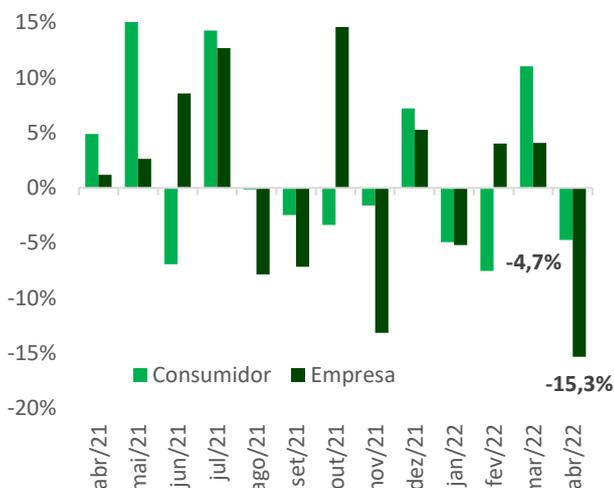


Na contramão do mercado doméstico, as exportações de veículos cresceram 15,2% em relação a mar/22 e 32,3% na comparação com abr/21, favorecidas, dentre outros fatores, pela demanda do Chile, onde permite-se o uso de recursos de planos de previdência privada para a compra de veículos. Assim, os embarques somaram 44,8 mil unidades em abril, 152,9 mil no acumulado do ano, volume 17,9% superior ao observado em igual intervalo de 2021. Considerando-se a evolução anual do acumulado em 12 meses, as exportações cresceram 2,8% na margem e 11,7% a.a. (7,1% a.a. em abr/21). No que tange ao mercado de trabalho, balanço da Anfavea mostra ainda que o emprego nas montadoras ficou estável em abril, com apenas 24 postos de trabalho fechados no setor.

Fonte: Anfavea. Elaboração ABBC

Demanda por Crédito - Abr/22

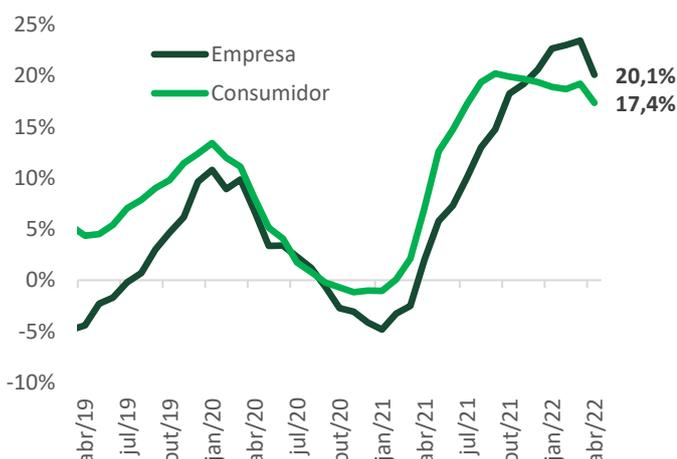
Variação Mensal



Em abril, o indicador de demanda por crédito (IDC), elaborado pela Serasa Experian, registrou queda marginal de -15,3% para as empresas, após alta de 4,1% em mar/22. Apesar da elevada volatilidade, a variação anual do indicador acumulado em 12 meses reverteu a sua trajetória de aceleração, saindo de 23,5% a.a. em mar/22 para 20,1% a.a. em abril (2,0% em abr/21).

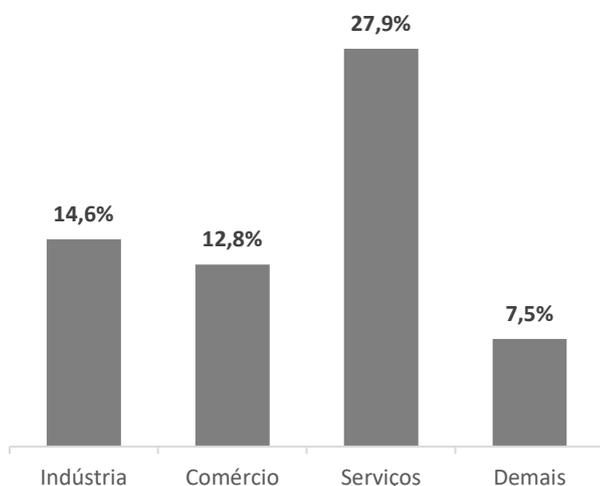
Na mesma base de comparação, considerando a abertura por setor, a procura segue capitaneada pelo setor de serviços, com expressiva alta de 27,9% a.a.. O setor é mais sensível à recuperação da atividade econômica e conta com os efeitos da reabertura dos mercados. Considerando a abertura por porte da empresa, o destaque fica para a alta de 20,7% a.a. da procura das micro e pequenas empresas (MPE), seguida por 2,9% a.a. das médias e 1,3% a.a. das grandes.

Variação Anual Acumulado em 12 meses



O IDC dos consumidores, em abril, seguiu na mesma direção, com retração mensal de -4,7% após elevação de 11,0% no mês anterior. A variação anual do IDC acumulado em 12 meses dos consumidores desacelerou seu ritmo de crescimento de 19,2% a.a. em mar/22 para 17,4% a.a. (7,1% a.a. em abr/21). Considerando a abertura por faixa de renda, na mesma base comparativa, a demanda é maior para os de baixa renda, com alta de 23,8% a.a. para até R\$ 500,00 e de 15,1% a.a. para acima de R\$ 10.000,00.

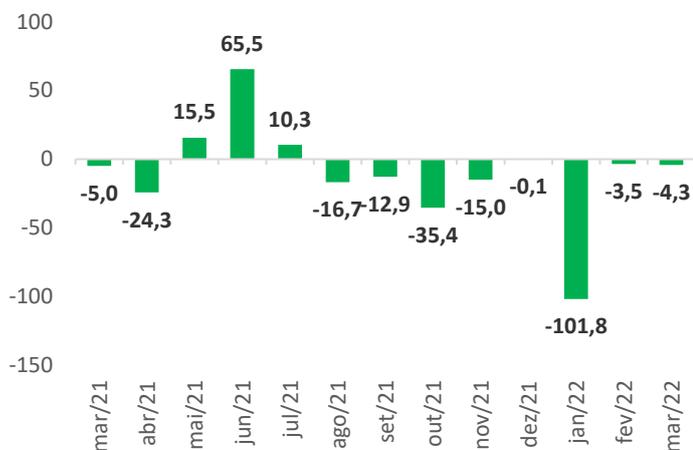
Variação Anual Por segmento – acumulado em 12 meses



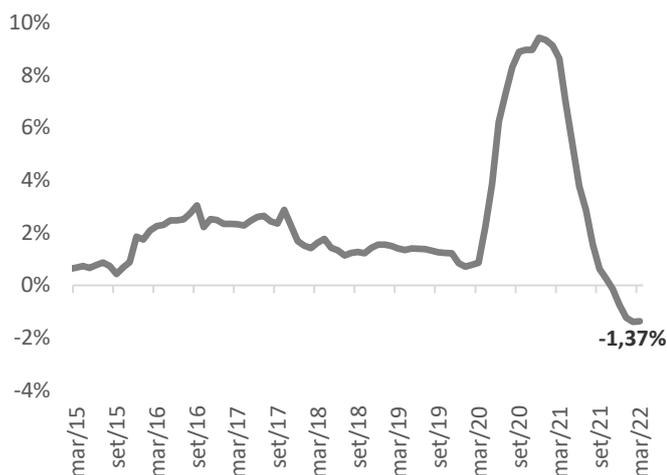
Fonte: Serasa Experian. Elaboração ABBC

Fiscal – Mar/22

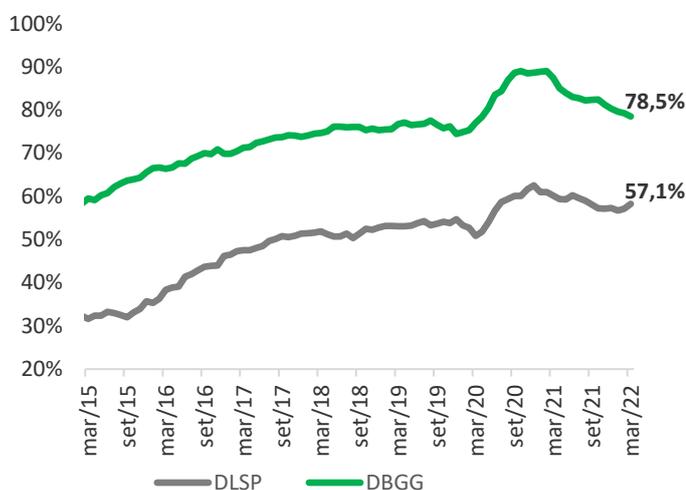
Resultado Primário Mensal – Em R\$ bilhões



Resultado Primário Acumulado em 12 meses – em % do PIB



Evolução da Dívida Em relação ao PIB



Favorecido pelo aumento da arrecadação, o setor público consolidado apresentou superávit primário pelo 8º mês consecutivo, terminando março com um resultado mensal de R\$ 4,3 bilhões contra um saldo positivo de R\$ 3,5 bilhões em fev/22. Em relação a mar/21 houve uma ligeira redução (R\$ 5,0 bilhões) por causa do desempenho mais fraco do governo central, que concentrou os pagamentos do abono salarial neste começo de ano.

Vale destacar que no 1T22, os estados registraram arrecadação recorde, impulsionada pelos ganhos tributários com o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) sobre os combustíveis e a retomada da atividade.

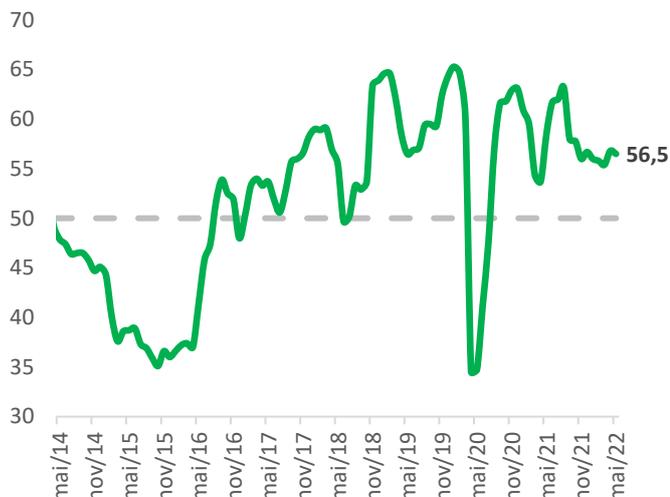
Assim, no acumulado em 12 meses, o déficit atingiu R\$ 122,8 bilhões, o equivalente a -1,37% do PIB ante -1,40% no mês imediatamente anterior (+8,62% do PIB em mar/21). Ainda em termos do acumulado em 12 meses, o déficit na conta de juros nominais, apropriado por competência, somou R\$ 403,8 bilhões (4,52% do PIB), comparativamente a R\$ 422,5 bilhões (4,78% do PIB) até fev/22. A variação no período do resultado das operações de swap cambial, de perda de -R\$16,6 bilhões em mar/21 para ganho de R\$40,3 bilhões em mar/22, mais do que compensou os aumentos da taxa Selic e da inflação no período. Em linha, na mesma base comparativa, o resultado nominal apresentou retração de -0,2 p.p. na margem e de -9,5% em 12 meses, com o déficit encerrando em 3,14% do PIB.

Por fim, em março, verificou-se elevação na margem de 1,1 p.p. para Dívida Líquida do Setor Público (DLSP), encerrando em 58,2% do PIB (60,1% em mar/21), refletindo, sobretudo, os impactos da valorização cambial, variação da cesta de moedas que compõem a dívida externa líquida e o crescimento do PIB nominal. Já a Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG) retraiu-se em -0,8 p.p. no mês, para 78,5% do PIB (87,4% em mar/21), com a evolução atrelada ao efeito do crescimento do PIB nominal, valorização cambial e os resgates líquidos de dívida.

Fonte: Banco Central. Elaboração ABBC

ICEI – Mai/22

Índice de Difusão



O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI), apurado pela CNI, apresentou leve recuo em maio de -0,3 pts. para 56,5 pts. na passagem mensal. Apesar da queda, o setor ainda segue confiante, com a linha divisória acima de 50 pts., que separa a confiança da falta de confiança.

O resultado mensal foi impactado principalmente pela piora na percepção da indústria sobre o momento atual, particularmente sobre o da economia brasileira. O Índice de Condições Atuais (CA), que compõe o ICEI e mede a percepção sobre as condições nos últimos seis meses, caiu -0,5 pt. para 49,4 pts., com a piora mais acentuada na perspectiva sobre a economia (-1,6 pt.) e queda de -0,1 pt. para a empresa.

O Índice de Expectativas Futuras (EF), que reflete a perspectiva do empresariado para os 6 meses futuros, mostrou ligeira queda de -0,2 pt. para 60 pts.. Por estar significativamente acima da linha divisória de 50 pts., o índice indica expectativas otimistas para os próximos 6 meses, sendo queda de -0,5 pt. para a economia brasileira e estabilidade no caso da empresa.

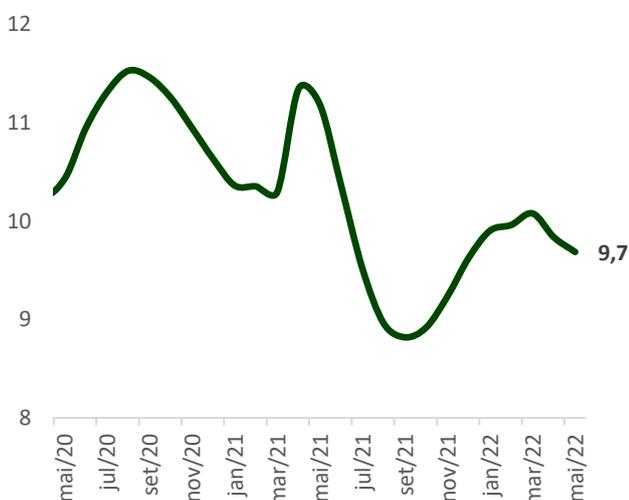
Assim, na MM12M, a diferença entre CA e EF prosseguiu em trajetória de queda, com baixa de -0,1 pt. na margem, terminando em 9,7 pts..

A pesquisa da CNI entrevistou 1.467 empresas entre os dias 2 e 6 de maio de 2022. Desse total, 570 são de pequeno porte; 547 de porte médio; e 350 de grande porte.

Abertura por componente



Diferença entre CA e EF Média Móvel de 12 meses

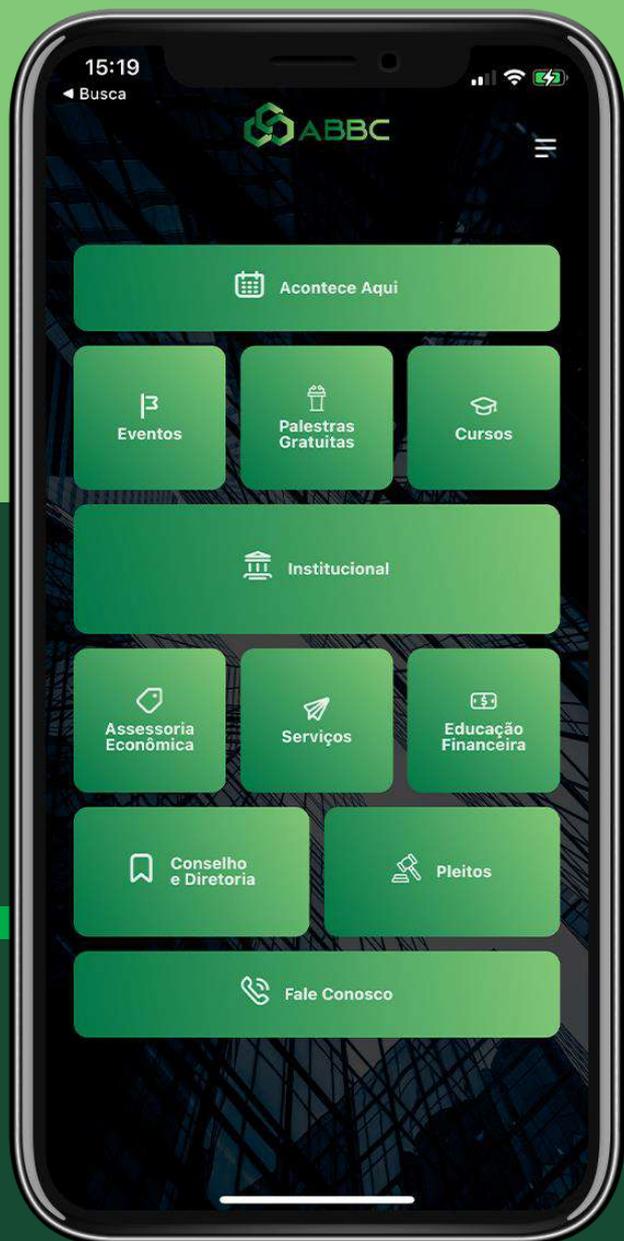


Fonte: CNI. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
Atividade, Inflação e Juros					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	0,6	1,5
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	8,9	6,6
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	11,0	10,8
IPCA (% a/a, fim de período)	4,3	4,5	10,1	7,8	4,1
IGP-M (% a/a, fim de período)	7,3	23,1	17,8	12,6	4,5
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,25	9,25
Setor Externo e Câmbio					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	64,0	51,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-20,6	-33,7
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	59,0	69,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,0	5,0
Fiscal					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	-0,5	-0,5
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-7,6	-7,1
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	60,3	63,6
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	85,5	86,0

Fonte: ABBC



Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO
Google Play



Disponível na
App Store



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688